

AGRICULTURA FAMILIAR ECOLÓGICA EM CANGUÇU (RS): TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS

ECOLOGICAL FAMILY FARMING OF CANGUÇU (RS): TRAJECTORIES AND PROSPECTS

Joana Cicconeto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS – Brasil

Roberto Verdum

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS – Brasil

Resumo: Este artigo visa analisar o surgimento de diferentes estilos de agricultura, decorrente de um processo incompleto de modernização do meio rural no município de Canguçu, situado na porção leste do estado do Rio Grande do Sul. Também pretende expor quais são os rumos e os desdobramentos do emergente estilo de agricultura familiar ecológico, desde suas origens, e as principais características ao longo do tempo. Identificou-se que a tomada de decisão do agricultor convencional ou tradicional, para outro sistema produtivo pautado no manejo “ecológico” pode ter diferentes pontos de partida. Todavia, pode também mostrar vínculos com diferentes momentos de expansão do movimento, então denominado, “alternativo”.

Palavras-chave: Agricultura ecológica; Estilos de agricultura; Canguçu/RS.

Abstract: This paper analyzes the emergence of different styles of farming, resulting from an incomplete process of modernization in the rural zone of Canguçu, located in the east of state of Rio Grande do Sul. It also to intend expose the directions and unfolds of the emerging style of green agriculture family from its origins, and key characteristics over time. It was identified that the farmer's decision, whether conventional or traditional, to another system production, based on “green” management, can follow different starting points, but also can show links to different periods of movement expansion, then called “alternative”.

Keywords: Green agriculture; Styles of farming; Canguçu/RS.

Introdução

No mundo rural, seja no Rio Grande do Sul ou em todo o Brasil, as práticas predominantes são aquelas denominadas convencionais. Um padrão de agricultura construído em torno de dois objetivos básicos: a maximização da produção e os lucros, (Gliessman, 2009). Segundo o mesmo autor, são seis as práticas básicas que formam a espinha dorsal da agricultura moderna ou convencional: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas.

Desde que essas práticas surgiram no mundo rural, alguns grupos sociais contestam seus objetivos e a sua eficácia na viabilidade de uma agricultura capaz de sustentar a fome da sociedade. A sua eficiência enquanto forma maciça e

rápida de se ter acesso a insumos e meios de produção ocasionou diversos inconvenientes, tais como os impactos ambientais adversos.

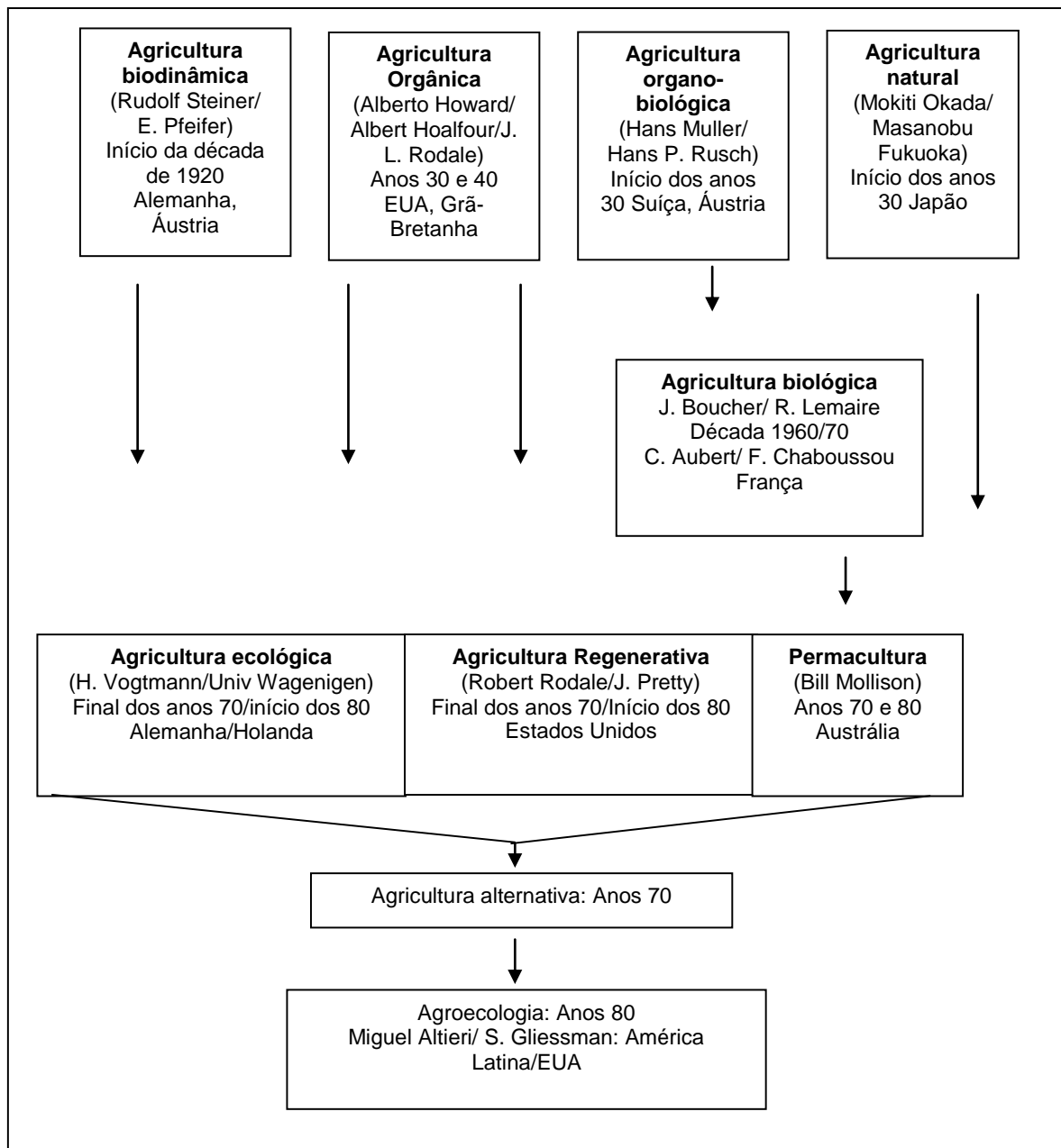
O objetivo deste artigo é analisar o aparecimento de estilos de agricultura, a partir do processo incompleto de modernização do meio rural no município de Canguçu, situado na porção leste do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, expor quais são os rumos e os desdobramentos do novo estilo de agricultura familiar ecológico, desde suas origens e, as principais características ao longo do tempo.

Agricultura “não convencional”: origens da negação

A difusão das etapas de um padrão produtivo químico, motomecânico e genético fez explodir a Revolução Verde na agricultura. No Brasil, ocorreu de forma intensiva na década de 1960-70, especialmente nos estados do Sul e Centro-oeste. As formas de contestação, contrárias totais ou parciais ao modelo que se alastrava, ganharam, desde aqueles tempos, as mais diversas denominações. O organograma a seguir, Fig. 1, extraído de Ruszczyk (2007), sumariza as principais correntes de pensamento e seus desdobramentos, que, para o autor, estruturam em maior ou menor intensidade os estilos atuais de “outras agriculturas”.

A presença de tais movimentos acontece concomitantemente à difusão intensa das técnicas da agricultura convencional, seja pelo fato de já acontecerem alguns incidentes demonstrando o desgaste de solo que essas técnicas ocasionavam ou por questões ideológicas.

Mas é por volta dos anos de 1970 que se constitui um campo de contestação, diga-se reconhecido pelo senso comum, fazendo com que o termo *alternativas* passe a traduzir a variedade de manifestações pontuais de contestação. Para Ehlers (1996), esses termos têm em comum a valorização do papel biológico e vegetativo dos processos produtivos, mesmo que convergindo em contextos históricos, categorias específicas e estratégias produtivas.



Fonte: Darolt (2002) *apud* Ruszyk, (2007, p. 60)

Considera-se que a gênese do contramovimento existe desde os anos de 1920-30. Portanto, os períodos de concentração e formação da então chamada *agricultura alternativa* ocorrem no auge da “modernização agrícola”.

Entretanto, esse processo de modernização da agricultura, seja por questões ecológicas ou culturais, não foi homogêneo. Para Borba (2002), este foi um processo “incompleto”. Nesse momento despertam os contramovimentos, as vias “alternativas” à sua política. Seu caráter excludente provoca reações de grupos de agricultores que não são contemplados pelos subsídios governamentais, bem como aqueles que resistem ao processo, negando-o veementemente.

A origem do contramovimento no Rio Grande do Sul e em Canguçu

A conjuntura dos inúmeros problemas ambientais, sociais e econômicos, desencadeada pela Revolução Verde e percebida por alguns grupos sociais, favorece o aparecimento das formas alternativas ou estilos particulares de se conduzir a agricultura. Essas, no entanto, não são, necessariamente, um contraponto ao modelo dominante (convencional).

Para Brandenburg (2002), no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, a agricultura alternativa surge no contexto de uma política agrária excludente, com pouca ou nenhuma assistência técnica, nem mesmo básica. Os agricultores ligam-se à Igreja Católica e às então denominadas Comissões Pastorais da Terra (CPT), que desenvolvem trabalhos junto a eles. A autora Schmitt (2010) chama a atenção para o trabalho da Igreja Católica, dos setores progressistas da Igreja Luterana, dos sindicatos combativos de trabalhadores do campo e dos movimentos de luta pela terra, por terem dado seu primeiro impulso para o trabalho ecológico na região Sul, seguido da importância das organizações não governamentais e das assessorias técnicas que favorecem o processo de transição para a agricultura ecológica¹.

Segundo o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) o início dos trabalhos com agricultura ecológica na região sul datam de 1978, quando da fundação da ONG, nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Os autores Becker, Caldas e Sacco dos Anjos (2007) chamam atenção para o auxílio desta organização aos pequenos agricultores; o CAPA, aliado à CPT, durante as décadas de 1970-80 conheceram importantes avanços. Seu trabalho gerou bons frutos provocando a organização de dezenas de associações comunitárias. A União das Associações Comunitárias no Interior de Canguçu e Região (UNAIC) foi fundada em 1988, um dos primeiros órgãos, fruto do CAPA. É sob a orientação do CAPA e da CPT, por conseguinte, que se organizam diversos núcleos na produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos: a então chamada produção de *base ecológica*.

A Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL), a Sul-Ecológica são também entidades, fruto do CAPA, que abrigam famílias dedicadas à produção *agroecológica* buscando espaços de comercialização direta. A Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec), fundada em 1996, presta assistência especificamente aos assentados rurais, com seu propósito fundado ao desenvolvimento sustentável. Os assentados também têm e criam suas próprias cooperativas e associações, principalmente no contexto em que persistem com o propósito da organização coletiva e da produção de alimentos. As cooperativas Sepé Tiaraju e Terra Nova são exemplos, assim como a Cooperativa

¹ O termo "ecológico" abrange as diferentes formas de conduzir a agricultura "não convencional". O termo ecologia torna-se um campo reconhecidamente distinto da ciência a partir dos anos de 1900. Por isso reflete um conhecimento acadêmico e um contramovimento, sobretudo popular que fortalece toda a envergadura. Além disso, esse termo foi recorrente entre os entrevistados e os informantes-chave do município.

de Crédito Rural Horizontes Novos de Canguçu (CREHNOR), uma cooperativa de crédito que conta com a presença de assentados.

Para o estado do Rio Grande do Sul, segundo dados da EMATER-ASCAR, existiriam cerca de 100 núcleos de produção ecológica. Já o CAPA contabiliza a existência de cerca de 3.000 famílias.

As trajetórias e a expansão do movimento ecológico

Considerando o momento de origem da formação dos movimentos ecológicos concomitante ao de difusão das práticas e técnicas da Revolução Verde, podemos dizer que hoje estes espaços sociais experimentam uma fase de expansão. Entretanto, uma fase de difícil (re)conhecimento, por ser difícil encontrar dados dos “modelos”. Os dados divulgados pelo Censo Agropecuário apresentam pela primeira vez a investigação acerca do número de estabelecimentos rurais que não utilizam agrotóxicos e adubos químicos. No entanto, consideram agricultura orgânica apenas aqueles sistemas de produção que detêm uma certificação de unidade orgânica ou por vias de implantação. No caso de desconhecimento ou desinteresse para normas de certificação os estabelecimentos não foram considerados orgânicos. Dessa forma, os dados referem-se apenas à agricultura orgânica institucionalizada e relacionada a contextos específicos.

Para o IBGE (2010), em publicação do Censo Agropecuário de 2006, a **agricultura orgânica** é aquela em que os estabelecimentos adotam práticas de produção agropecuária que não utiliza insumos artificiais (adubos químicos, agrotóxicos, organismos geneticamente modificados pelo homem ou outros), ou outra medida para a conservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Porém, foram assim considerados aqueles agricultores que detêm uma certificação, ou se encontravam com processo em andamento, excluindo os casos em que os agricultores desconheciam ou não tinham interesse em certificações.

A investigação acerca do uso ou não de agrotóxicos nos estabelecimentos rurais foi inédita. Com base nesta investigação e nos critérios estabelecidos, o IBGE afirma que 1,8% do total de estabelecimentos agropecuários brasileiros investigados no Censo de 2006 são orgânicos. A Tab. 1 apresenta detalhes do estudo, sobre os estabelecimentos de produtores orgânicos por grupo de atividade econômica do Brasil.

Tabela 1: Distribuição dos estabelecimentos produtores de orgânicos, segundo os grupos da atividade econômica – Brasil – 2006

Grupos da atividade econômica	Distribuição dos estabelecimentos de produtores orgânicos	
	Absoluta	Percentual (%)
Total	90.497	100
Produção de lavouras temporárias	30.168	33,34
Horticultura e floricultura	8.900	9,83
Produção de lavouras permanentes	9.557	10,56
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal	52	0,06
Pecuária e criação de outros animais	38.014	42,01
Produção florestal – florestas plantadas	1.638	1,81
Produção florestal – florestas nativas	1.644	1,82
Pesca	153	0,17
Aquicultura	371	0,41

Fonte: Censo de 2006 (IBGE, 2010)

A atividade predominante é a denominada "Pecuária e a criação de outros animais", seguido da "Produção de lavouras temporárias". O IBGE ainda publicou o número de estabelecimentos por unidade federativa que praticam a agricultura orgânica, podendo-se ver na Tab. 2 os dados referentes aos estados da região Sul.

Tabela 2: Agricultura orgânica nos estabelecimentos rurais, segundo as grandes regiões da federação, Brasil – 2006.

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Total de estabelecimentos	Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos			
		Total	Faz e é certificado por entidade credenciada	Faz e não é certificado por entidade credenciada	Não faz
Brasil	5.175.489	90.497	5.106	85.391	5.084.992
Norte	475.775	6.133	351	5.782	469.642
Nordeste	2.454.006	42.236	1.218	41.018	2.411.770
Sudeste	922.049	18.715	1.366	17.349	903.334
Sul	1.006.181	19.275	1.924	17.351	986.906
Paraná	371.051	7.527	909	6.618	363.524
Santa Catarina	193.663	3.216	353	2.863	190.447
Rio Grande do Sul	441.467	8.532	662	7.870	432.935
Centro-Oeste	317.478	4.138	247	3.891	313.340

Fonte: Censo de 2006 (IBGE, 2010)

O Rio Grande do Sul tem 1,9% desses estabelecimentos, algo acima da média nacional, levando-se em consideração os critérios estabelecidos pelo IBGE.

Em relação à inserção crescente dessa produção no mercado consumidor, destaca-se o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003 pelo Governo Federal como política de articulação entre produção, comercialização e consumo, tendo por objetivo incentivar a agricultura familiar por meio da aquisição de produtos agropecuários destinados a pessoas em situação de insegurança alimentar. O PAA, administrado pelo CAPA de Pelotas, adquire produtos dos agricultores familiares que se enquadrem nas regras de políticas do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Também proporciona acesso a uma alimentação diversificada para uma população em insegurança alimentar e nutricional, valorizando a produção e a cultura alimentar das populações, dinamizando a economia local, com repercussões sobre a autoestima, tanto de fornecedores, quanto de consumidores. O Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA) cita os três estados da região Sul como os mais desenvolvidos com relação à organização social, já que dispõem de eficientes associações e cooperativas de agricultores familiares que abastecem o mercado com uma grande variedade de produtos certificados.

A dinâmica das tendências

O movimento ecológico é um movimento de contraponto ao domínio existente da lógica da agroindústria de produção. Esse movimento abrange todas as formas associadas desde a sua origem, enquanto agricultura alternativa, como também, as “novas” e as diversas formas que reconfiguram o rural, em função de movimentos ecológicos mais recentes.

Para Brandenburg (2002), após um período de estagnação, a agricultura alternativa ou ecológica² passa por uma fase de expansão, ainda que diante de um difícil reconhecimento de seus números. O autor destaca um *primeiro* momento como aquele que corresponde a sua gênese, representando um contramovimento. Ao mesmo tempo em que visa potencializar os recursos produtivos, a agricultura alternativa é portadora de uma mensagem ambiental e ecológica (inclusive influenciada pelo movimento *hippie*). Nesse sentido, a produção agrícola não é apenas racional, mas carregada por dimensões místicas ou de religiosidade: ela não vai privilegiar a dimensão econômica.

Num segundo momento, ele destaca como característica o surgimento de novos grupos, novas formas de organização comercial, quando se amplia o apoio dos consumidores. É o momento de expansão de forma articulada, como redes; no entanto, mantendo-se afastado de instituições governamentais.

² Ecológica e alternativa são termos utilizados como sinônimos pelo autor.

E um terceiro momento, é destacado como aquele marcado pela institucionalização da agricultura ecológica. A crescente crise ecológica sensibiliza a população e isso requer uma reorganização das formas de comercialização e beneficiamento da produção. Os produtos passam a ser certificados e identificados.

Petersen e Almeida (2006) enfatizam que, em 2002, na ocasião do Encontro Nacional de Agroecologia, destacava-se que, embora mitos da modernidade tecnológica ainda estivessem bastante presentes no imaginário da população, novos valores relacionados a um ambientalismo difuso e à qualidade dos alimentos ganhavam força. O crescimento vertiginoso dos mercados de alimentos orgânicos no Brasil é uma expressão desse fato. Além do mais, a imagem negativa da agricultura familiar como sinônimo do atraso e da baixa eficiência, vinha aos poucos sendo desconstruída.

Na perspectiva agroecológica, adotada por Petersen e Almeida (2006) prevalece uma característica distinta do atual momento histórico dos movimentos sociais do campo: “a emergência de um movimento de dimensão nacional, a partir dos processos locais autônomos voltados para a promoção de alternativas técnicas, econômicas e políticas para a produção familiar”.

Embora ainda localizados e pouco visíveis para o conjunto da sociedade, esses processos locais inovadores vêm permitindo que novos atores, individuais e coletivos, desponham no cenário dos movimentos sociais no campo, revigorando-os e forjando um quadro de diversidade de atores. E nessas experiências concretas enraizadas em distintos contextos locais e regionais que se vêm construindo novos referenciais técnicos, metodológicos e conceituais orientadores de projetos para o desenvolvimento sustentado da produção familiar no Brasil (Petersen e Almeida, 2006).

A expansão do ecológico em Canguçu

Abordou-se até o presente algumas referências sobre as trajetórias das formas de agricultura ecológica³ em escala mundial, nacional e, posteriormente, em nível local, no município que foi objeto de pesquisa dos autores deste artigo, durante o trabalho de dissertação de mestrado.

Em nível local com apoio ou até mesmo com a falta dele, a presença de atores sociais importantes no processo de adoção ou transição de uma agricultura, pautada em técnicas diferentes daquelas que vinham sendo predominantemente utilizadas, demonstrou uma trajetória da agricultura ecológica, mais especificamente no município de Canguçu. Embora seja um tanto otimista escrever sobre a expansão dos estilos de agricultura ecológicos, entende-se de suma importância compreender a que estes casos estão motivados, suas influências externas e internas à propriedade. Afinal, os agricultores assumem discursos de

³ Ecológica como termo que abrange todas as formas de agricultura pesquisadas.

interesse produzindo alimentos ecológicos em função das demandas desses produtos, ou reconhecem uma “tomada de consciência” da sociedade, imbuídos de uma percepção de que produzir alimentos ecológicos é menos agressivo ao ambiente, possibilitando inclusive renda para a unidade de produção familiar?

As razões que levam os agricultores a praticar uma agricultura “diferente”, seja na resistência ou na nova onda, são as mais diversas. Marques (2009) aposta que em comum existe a característica de criar múltiplas estratégias para trabalhar, inovar e ampliar espaços de autonomia que mantenham os agricultores no campo. A autora cita aspectos de saúde, satisfação, orgulho, consciência ecológica, respeito à natureza como recorrentes em suas falas e práticas. Brandenburg (1999) constata a motivação econômica, ambiental, de prevenção à saúde e ideológica como fatores explicativos mais relevantes para a opção dos agricultores.

Os resultados da pesquisa no município de Canguçu apontam que as motivações são de ordem ideológica⁴ (ligadas ao campo “ambiental”), econômica (renda mensal, maior valor agregado), social (saúde) e cultural⁵ sendo todos agricultores familiares, ou seja, com a base de mão de obra proveniente da família. As motivações descritas puderam ser apreendidas nos discursos dos agricultores e identificadas a partir da análise de conteúdo. Essa análise foi realizada através da gravação das 13 entrevistas feitas. As entrevistas foram gravadas no seu local de realização com autorização prévia dos entrevistados, com utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado com base na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Após a transcrição das entrevistas, essas foram inseridas no *software* de análise de dados qualitativos QSR *International* NVivo 8.0.

A motivação de ordem econômico-financeira foi aquela que se fez presente em todos os discursos. Afinal, não há como manter-se distanciado, nem mesmo isso parece perpassar a tais grupos. Essa motivação apareceu em três casos (entrevistados: E05, E11 e E06) como propulsora principal do trabalho. Já nos demais casos, os outros elementos apareceram com igual ou maior ênfase, considerados como uma consequência do trabalho. Em geral, um conjunto de elementos parece influenciar as escolhas produtivas.

Com diferentes ênfases ou presente em diferentes contextos, a dimensão econômica perpassa a todos os projetos. Compreende-se que o fator renda é decisivo. Ele define o sistema produtivo e comercial, os cultivos a serem adotados: E12: “*o tomate tem um grande valor no mercado*”; E09: “*olha, esse sistema aí de hoje, que nós temos aí, de ter o dinheirinho mensal (...) e o leite pode dá pouco uns meses, mas dá o dinheiro todo mês*”.

Pode-se afirmar ser esse um fator decisivo também, quando a motivação vem pelo baixo custo da produção, seja a médio ou longo prazo. Isso vai agregar

⁴ Crença usada para o controle de comportamentos coletivos em determinadas situações (ABBAGNANO, 1998).

⁵ O termo cultura é utilizado neste contexto para indicar um conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra, entre membros de determinada sociedade. Indica uma formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem (ABBAGNANO, 1998).

maior renda E01: *"hoje eu tenho pouca despesa com o pomar, de investimento pra produzir né. A gente tem despesa de manejo de poda, coisas assim, né, já de adubação, não tenho mais"*.

Os contextos de adesão e transição dos agricultores aos estilos de agricultura ecológica são de pequenos agricultores com a tradição na propriedade agrícola, aqueles desligados dos latifúndios ou provenientes do urbano, outros ligados a associações e/ou a cooperativas, e outros ligados a empresas com venda direta.

As terminologias utilizadas para sua identificação também variam. Entre os 13 entrevistados, nove deles afirmaram apenas uma denominação para seu sistema de produção agrícola, o *ecológico* ou *orgânico*. Os demais apresentaram um discurso com a presença de duas ou mais denominações, ecológico, orgânico, agroecológico e alternativo, refletindo que a denominação/identificação não está entre suas preocupações, ou até de que esse agricultor molda-se conforme a exigência do seu público. Em três casos ainda, os agricultores não tinham claro para si o significado dos termos utilizados.

O item a seguir pretende apresentar o resultado da investigação de campo realizada no município de Canguçu. Apresenta-se, como síntese, a Figura 2 que contempla os casos estudados e o espaço que ocupam ao longo da construção da agricultura ecológica no município.

O primeiro momento da agricultura ecológica em Canguçu

O momento que corresponde à gênese da agricultura ecológica no Brasil carregado de dimensões místicas (imateriais) ou de religiosidades, apresenta uma visão de mundo complexa. O homem faz parte do mundo natural e com ele se identifica: a agricultura é seu modo de vida⁶. A opção dessa forma de conduzir a agricultura está relacionada com a dimensão religiosa, afetiva, ética, social, e de fato não privilegia a dimensão econômica:

E07: "[...] eu acho que a agroecologia é uma relação com a natureza, do dia a dia e também tem outros valores, porque a gente valoriza muito a vida e eu mesmo valorizo muito a vida, eu sempre digo eu tenho uma qualidade de vida muito boa. [...] mas eu vejo assim, são valores que não aparecem, a pessoa não vê ali o carro ou a moto, pra mim isso aí não é tudo, não é só isso, então eu tenho esse valor. Se eu puder me inserir nessa economia mais solidária, então esse ano foi uma coisa que me ajudou muito né, na questão da campanha da fraternidade, economia e vida.

O discurso desse agricultor é um caso que marca a intensidade deste momento de formação do movimento. Marca uma temporalidade em que o

⁶ Modo de vida é considerado neste contexto uma forma de vivência.

entrevistado se identifica e constrói seus referenciais de vida e suas práticas cotidianas.

Desde já, é oportuno chamar a atenção de que esses momentos se sobrepõem. E, muito embora esses momentos sejam apresentados e guiados por uma linha do tempo que é linear, acredita-se que eles não sejam etapas excludentes ou antagônicas, mas de certa forma até complementares. O discurso, a seguir, deixa claro como essa circulação é recorrente entre os entrevistados:

E03: “Ah - Já! Eu já participei e participo da cooperativa da Arpa-sul. Participei da associação, daí depois dividiu-se da associação, um pessoal ficou na associação e outro na cooperativa... atualmente eu faço parte da cooperativa né... e agora mesmo, a gente está trabalhando essa questão de venda pro governo, estamos comercializando pro mercado, em volume maior, e nós temos um espaço.

J – sim... e tu está vinculado há bastante tempo?

A – na UNAIC eu ajudei a fundar, junto com o Fulano, há uns 15 ou 16 anos. É assim, eu vendia produto pra eles aqui, eu trazia caminhão com farelo, adubo, todas essas coisas que precisava e até nunca fui remunerado pra isso, eu só fazia pra tempo e aí comecei então participando na UNAIC e depois participei de movimentos, do MPA, participei também da cooperativa inicialmente, e da associação ajudei a fundar, a associação também, peguei experiência na agroecologia, assim eu fui... nós tivemos um, faz 14 anos que eu fui até Ipê e Antônio Prado, que foi naquela região que começou... onde deram os primeiros passos.

J – foram cursos de que?

A – é de formação em agroecologia... aí tinha também a contribuição da Pastoral da Igreja Católica, que naquela época foi quem trouxe pra cá a questão da agroecologia... foram eles que nos levaram pra lá”.

Este agricultor participou de um momento de “fundação” daquilo que se denomina um estilo de agricultura no município. Ao longo do tempo, além de compor a diretoria de uma associação que buscava novas formas de comercialização e de relações com o consumidor, hoje também procura novos mercados ligados às instituições governamentais.

O agricultor vinculado ao primeiro “momento” da agricultura ecológica pratica-a sob a denominação de agroecológico. O nível de escolaridade do agricultor cujas características o enquadram neste grupo é o ensino médio incompleto. Esse participou de cursos de formação sobre agroecologia, nos municípios de Antônio Prado e Ipê, no Rio Grande do Sul, municípios citados por sua importância no pioneirismo da agroecologia no estado.

O agricultor destaca como positivas as relações sociais estabelecidas a partir desta forma de produção. A motivação é permeada de uma capacidade de compreender problemas ambientais e as suas responsabilidades enquanto ser humano. É presente em seu discurso uma contracultura, apresentando como negativo ao meio, à saúde humana e ao coletivo, a adoção do “pacote verde” na agricultura.

O agricultor utiliza-se de estratégias para conciliar produção e conservação ambiental na sua propriedade. E07: *“Alguns cuidados se teve sim, as cabeceiras (nascentes) eu cuidei também, pra não lavar assim bem perto do mato, eu respeitei o espaço, sempre cuidando”*. Além da máxima da autonomia em relação ao mercado. E07: *“hoje o desafio é a retomada e chegar em 80% da cesta básica, ou seja, eu acho que só fica o açúcar, o sal e o café. Eu acho que tem como, porque eu tive essa experiência”*.

A análise de conteúdo demonstra uma relação com a natureza no que tange a um entendimento. Quando o agricultor visa adaptar seus cultivos às características do meio que estão disponíveis, inicialmente informa-se sobre as reais condições, observando-o. Mais tarde, após conhecimento adquirido e observações realizadas, o agricultor tem sua tomada de decisão.

Para suplantiar limites impostos pelo meio, os agricultores alteram certas condições, fazendo a incorporação de matéria orgânica ao solo. Essa técnica é uma mudança que representa um afastamento aos mercados de insumos. Dessa forma, para Ploeg (2008) esse afastamento resulta em uma agricultura de baixo custo, em que a autonomia é aumentada e há uma refundamentação da agricultura na natureza, com a introdução da artesanidade. Esses tendem a representar, para o autor, um adeus “estrutural” ao roteiro da agricultura empresarial.

O segundo momento da agricultura ecológica em Canguçu

Este momento diferencia-se com relação ao primeiro, por ser um momento de expansão, em que os agricultores organizam-se em novos grupos com o objetivo de se constituírem comercialmente, como as feiras, por exemplo. Os agricultores se organizam de forma articulada, compondo redes entre as diversas instituições que visam à produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos e insumos externos. O diferencial em relação ao primeiro momento é que agora a agricultura ecológica é uma forma de sustento. Segundo (Brandenburg, 2002, p. 10), “[...] para se viabilizarem economicamente eles precisavam encontrar outros caminhos, diferenciados do mercado de consumo massificado para comercializar os produtos”.

De fato, em Canguçu observou-se agricultores organizados coletivamente, que geralmente comercializam seus produtos diretamente ao produtor. Esse comércio é facilitado pela instituição a que estão vinculados. Além da comercialização, as instituições fornecem assistência técnica e cursos de formação, com o objetivo da troca de experiências.

Nesse momento, muitos agricultores que negavam a produção com a utilização de agrotóxicos e insumos, agregaram-se ao surgimento dessas novas formas de produção, mas, sobretudo, de comercialização, a exemplo do caso E02:

E02: “O – não, nós nem sabia, não tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano da Arpa-sul, que ele veio aqui e fez umas reunião aqui, mas... o pessoal ficou meio assim... depois ele apareceu, veio de novo, aí nós começamos assim a se acreditar assim... e pegar o jeito e ele fazia umas reunião e nós prestava atenção e fomos atrás e ele foi ajeitando tudo e foi e até que começamos...”.

Esta fala demonstra que as próprias instituições da região buscaram agregar novos agricultores ao movimento que se expandia. O reconhecimento por parte dos consumidores demandava alimentos. Em Canguçu, isto aconteceu nos anos de 1990, tardio em comparação à referência que se tem em nível nacional. Em meio a essa difusão, emanam as diferentes vertentes do movimento inicial, além da propagação dos termos sustentabilidade, orgânica, ecológico, de base ecológica, entre outras.

No discurso são recorrentes as falas que demonstram uma contracultura expressa, como, por exemplo, pela contestação ao cultivo do tabaco. Esta contracultura questiona a adoção de técnicas difundidas com o objetivo único de aumentar lucros. Como exemplo, ver trecho da fala do caso E13:

E13: “I – agora (antes nós plantava fumo) não ficamos todo o tempo como um prisioneiro dentro do galpão, que não se via ninguém, não fala com ninguém, se estressa, quando chegava a hora da venda, o preço vem lá em baixo, imaginava outra coisa e assim não, tu tem sempre, não é que vamos dizer assim que seja ah, assim pra ficar rico, mas dá pra viver bem, é outra vida! Até assim, por esse motivo né de tu não estar lidando com veneno, com adubo químico essas coisas, a gente não usa, ah... isso aí já é o que basta (...)”.

O discurso demonstra uma motivação ligada a dimensões relacionadas às suas práticas e que não são unicamente a do lucro. Não obstante, esses agricultores utilizam estratégias para conciliar conservação e produção:

E03: “A – aqui ó.. é isso que eu falava, tu imagina que toda essa roda aqui ó (estrume da vaca), quando elas voltam já vai tá incorporado e vai incorporando e incorporando isso aqui até um dia tá um solo mais espesso, a importância do animal também né e estar as 24h aqui, porque é esse processo aqui que a gente quer ver, a força do estrume e da urina. Aqui ó, tem esse estrume, já tá dissolvendo e crescendo alguma coisa, daqui a 30 dias quando ele passar aqui de novo já vai tá grande né.

J – tu tinhas outro problema aqui na produção, além do solo empobrecido?

A – essas áreas aqui tava mais desgastadas, eu mandei fazer um análise do solo e essas partes aqui estavam bem deficientes.

J – e era tudo soja aqui?

A – é tudo...a gente plantava tudo.... Então, por isso que aqui eu tive a necessidade de usa uma cama de aviário, um calcário... Aqui ó, eu queria te mostrar que em cada canto dos piquetes eu plantei uma muda de árvore pra sombreamento, até tive que cerca também né, senão elas destroem”.

Ou seja, um processo de recuperação do solo⁷, que altera suas condições em função da prática anterior da agricultura convencional, reconhecidas a partir das necessidades impostas quando do início da transição, do seu ideal de sustentabilidade, buscando autonomia na produção agrícola, conservação ambiental e comercialização dos seus produtos.

A maioria dos entrevistados, com exceção do caso E02, reconhece os problemas ambientais em diferentes escalas, global e local. Compõem grupos em que se discutem assuntos como a qualidade da água, destinação dos resíduos sólidos, “reflorestamento”, contaminação por agrotóxicos, corte irregular de matas nativas, entre outros, de modo a intervir, a coibir tais ações. De certa forma, são capazes de não só diagnosticar tais problemas na propriedade, comunidade e região, mas de rejeitar tais ações que julgam excêntricas:

E12: “G - o lixo é o nosso maior problema aqui. E que na verdade não é só nosso aqui, porque do que adianta tu mandar o lixo pra cidade? Lá também não se tem muito o que fazer, uma pequena parte do lixo é reciclado, muito pouco é reciclado... Então é como ficar passando os problema pra frente.

D – e nós não temos o que fazer, claro, o lixo orgânico, esse é uma maravilha pra nós, a gente aproveita tudo, mas o plástico, não tem onde... e ninguém quer pegar”.

Essa fala demonstra que há uma preocupação que não é exclusiva da propriedade, pois ela atinge a área urbana, bem como a noção de ciclo da natureza, de uma incapacidade de reciclar todos os resíduos gerados pelo homem, no mesmo ritmo em que se devolve a ela.

No aspecto social, há em comum a preocupação com a saúde, enfatizada principalmente a partir de situações contrárias ou catastróficas:

E10: “F - onde nós morava, nós trabalhamos é.... tinha um vizinho nosso que trabalhava, que plantava fumo, era fumo de galpão [...] teve um piá lá que dormia no galpão e ele faleceu envenenado do fumo. Eles até foram mexer nas firmas por causa de tudo isso, hoje eles tem cuidado e embalagem hoje tá sendo melhorada pra esses venenos, naquela época vinha meio assim sem cuidado, o pessoal não conhecia e daí eles também não se cuidavam né, tinha todos os preparos, tinha macacão, tudo pra passar, máscaras tudo e esse piá ele tinha ferida nas pernas e se encostava naquelas embalagens e o piá faleceu. Ele morreu dentro do

⁷ Não será abordada, neste trabalho, a eficiência do sistema de rotação dos animais denominado: *Voison*.

ônibus indo pro colégio [...] foi uma tragédia assim [...] eu já tava com meus 18 anos, então foi assim um... já nós não usava, mas daí aquilo ali foi um choque!”.

Com relação ao meio, aos limites e às possibilidades da produção, esse grupo de agricultores estudado destaca-se pela capacidade de reconhecer diversas potencialidades, demonstrando conhecimento colocado em prática. Para superação desses limites impostos pelo meio, esses agricultores passaram por um processo de mudança de seus sistemas de produção, bastante intenso para alguns, como nos casos E01, E02, E03, E09, E10 e E13 em que se tratava de produtores de fumo, soja e milho, que passaram a produzir com manejo ecológico.

Dentre esses, destacamos os casos E09 e E10, por serem casos de agricultores ecológicos assentados descendentes de caboclos⁸. Esses parecem formar um modo de vida distinto e, por isso, muitas vezes estudado especificamente. Para Heidrich (2006), representam através de acampamentos e assentamentos rurais, espaços de ruptura com o modo de apropriação hegemônico do espaço da sociedade capitalista, dada a sua forma de organização coletiva. O autor ressalta também que, nas situações de agricultura ecológica ou orgânica, específicas do MST, há um vínculo de consciência territorial, de compreensão de sua existência ligada à natureza e ao sentido da vida. A ruptura estabelecida nesses casos é pela resignificação da produção agrícola, de ser orientada por um valor ético-ecológico-comunitário, e não absolutamente mercantil.

Para o agricultor (E09), além dos cursos que são considerados “insumos externos”, o seu repertório cultural associado ao conjunto de percepções que ao longo do tempo se consolidou nas famílias para um modo de produzir, é trazido pelos agricultores/assentados como uma forte motivação. Esse repertório trata-se de uma forma de passar os valores adquiridos ao longo de gerações para os descendentes. Especialmente entre os assentados rurais, essa é uma forma recorrente de troca dos conhecimentos adquiridos. Veja o que diz E10: *“a assistência técnica ajuda com técnicas diferentes, mas a dificuldade com eles é a diferença de ideologia, não é igual à nossa (...) eles volta e meia estão aqui, são uns piá bom, mas eles só dão uma visitadinha pra pegar a assinatura do agricultor”*. Ainda E09 demonstra a persistência e a valorização dos princípios da família, agora também ligados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, E09: *“Mas isso já é desde, é tipo uma cultura mesmo, porque desde criança a gente nunca viu os pais usar veneno pra nada né, e a gente não entrou naquela, mas muita gente adotou (o uso de agrotóxico)”*.

Os demais casos também passaram por um processo de mudança; no entanto, não chegaram a adotar intensivamente as técnicas do “pacote verde”. Apenas utilizavam quando julgavam extremamente necessário. Nesses casos, a necessidade é a justificativa para a adoção da técnica “proibida”, segundo os agricultores/assentados. Casos em que o processo de adaptação ou transição para o sistema ecológico de produção, não é tão intenso, uma vez que o repertório

⁸ Caboclos segundo os entrevistados é o “modo da pessoa viver, de conduzir a produção agrícola, o jeito de conviver”. Ver detalhes no livro *Cartografias caboclas*, de Ribeiro (2008).

cultural, as práticas da agricultura que o agricultor utiliza, denominadas tradicionais, são direcionadas para a prática de sistemas de produção ecológicos.

O que ocorre é uma adaptação entre meios, práticas agrícolas, cultivos e criações, sendo essencial a percepção do agricultor para esta nova forma de produção. Para Meirelles (2007), ocorre um direcionamento para agriculturas mais sustentáveis, que se apresenta em diversas estratégias utilizadas pelos agricultores.

O trabalho de disseminação da agricultura ecológica, por parte das cooperativas e associações, atingiu interessados pela nova forma de conduzir a agricultura, e se relacionar com o consumidor:

E02: "Ó - eu já faz 17 anos que cultivo assim [...] antes não, nós nem sabia, nem tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano de Tal da Arpa-sul que ele veio aqui e fez umas reunião aqui, mas o pessoal ficou meio assim, depois ele apareceu, veio de novo, aí nós começamos assim... a se acreditar e pegar o jeito... e nós fomos atrás e ele foi ajeitando tudo assim e foi e até que começamos. [...] e eles veem o que precisa e eles dizem ó, precisa produzir tal coisa, eles fazem um calendário, tipo de um planejamento do que tu vai precisar pra produzir também e aí tu vai te planejando, organizando pra aquilo."

A opção de novos mercados direciona a produção, define o sistema produtivo. Os novos mercados são a chave para o desenvolvimento do grupo que se dedica neste momento. São também a chave colocada por Ploeg (2008), para o desenvolvimento rural. Segundo o autor, os novos mercados e os novos produtos são criados para enfrentar os grandes mercados, cada vez mais controlados e reestruturados pelos impérios alimentares.

Terceiro momento da agricultura ecológica em Canguçu

Esse momento vai além de uma expansão: ele passa por um reconhecimento da sociedade. A agricultura ecológica é, então, reconhecida por alguns grupos de consumidores, que se sensibilizam pelas questões ambientais, além de ser contemplada nas políticas de desenvolvimento local e regional.

A opção de mercados, ligados aos programas governamentais, é recebida de maneira positiva por alguns grupos e instituições. O Programa Fome Zero do governo federal tem como ponto positivo inserir o tema da fome na agenda política do Brasil, além de reforçar a participação e a mobilização da sociedade. Outros programas em nível federal são o Mais Alimento e o já citado PAA.

Para Brandenburg (2002), este processo de institucionalização da agricultura ecológica se realiza segundo as formas e os padrões da produção convencional. Apontando para essa tendência, veja-se, como exemplo, a fala do caso E11:

E11: “J - E como é, poderia me explicar? (falando da mudança de plantio do fumo convencional para fumo orgânico)

A - não, por isso vem o instrutor aí... ele diz, e a gente faz conforme ele diz, tem receitas né. E depois, pra certificar tem outra firma, não é da fumageira mesmo”.

Esses agricultores não realizaram cursos de formação para produzir no sistema orgânico⁹. Sensibilizaram-se com a questão de saúde e, após receberem a proposta de plantio do fumo orgânico, adotaram o novo “pacote” fornecido pela empresa. Observou-se também que, em outra porção dessa propriedade, uma parcela foi citada como ecológica/orgânica, com o plantio de sementes de milho e feijão, em parceria com a UNAIC.

Outro caso é o E05, que possui em apenas uma parte de sua propriedade como “ecológica” produzindo sementes crioulas. A produção de sementes crioulas é parte de um projeto liderado pela UNAIC, em parceria com a Articulação Nacional da Agroecologia (ANA) que tem a função de identificar, valorizar e articular diferentes iniciativas nacionais e garantir o direito dos agricultores ao livre uso da biodiversidade agrícola. Esse caso estabelece vínculo comercial forte com suas instituições, no intuito de buscar nichos de mercados, mas normalmente, sem ter participação ativa. Suas motivações estão ligadas ao econômico como principal intuito, na busca por esse estilo de agricultura, sendo recorrente que parte de suas terras tenham a produção convencional.

E05: “A – ah, fazem 6 anos que nós estamos nisso (fumo). Mais seria porque eu não tinha galpão, aí inventei de pegar um investimento pra financiar um galpão, daí teria que pagar com milho... daí tu já viu né, dificilmente se paga. Seriam 5 anos também pra pagar aí eu peguei e pagaria juros, e esse pelo fumo eu peguei 12mil e não paguei juros... plantei fumo, paguei e ainda sobrou... Hoje eu vejo que não sendo uma comercialização forte, dará isso aí. Só a semente mesmo, é pra consumo [...] e não tem mercado. Se tivesse condições de vende bastante semente cada um, aí seria bom, só que não tem mercado, e hoje se não tem um mercado forte pra outra coisa, é difícil, dificilmente eu sairia do fumo. Não tem como fica aqui plantando milho pra vende a 15 ou 16 reais, não pagam nem a despesa”.

As dificuldades causadas pela estagnação dos preços e pelo aumento dos custos na produção de milho é uma das causas da saída em buscar outros caminhos para este caso. Na busca por uma melhor margem de lucros, o que se mostra mais atraente, em termos financeiros imediatos, é o plantio de tabaco¹⁰ para o estilo de agricultura convencional. E entre o estilo de agricultura “ecológico” é o plantio de sementes crioulas.

Para Brandenburg (2002), a diferença do segundo para o terceiro momento é o afastamento das instituições governamentais. Esse distanciamento é relativo

⁹ Denominação utilizada pelo agricultor.

¹⁰ Uma realidade para grande parte dos minifúndios de Canguçu, já que o município está entre os maiores produtores em nível estadual (IBGE, 2008).

em alguns casos, pois assim como se mantêm distanciados de um lado, de outro se agregam.

Avançando na representação da temporalidade na agricultura ecológica em Canguçu, percebe-se a diferença de formas de adoção e mudança entre os casos estudados, com relação ao processo que se via no momento dois. Observe-se a fala a seguir:

E11: "F - pra passar do fumo convencional pro fumo orgânico tem que ter uma terra, mais ou menos 3 anos que não pode ter nada plantado, ou botado adubo, três anos uma terra assim, com capoeira ou coisa assim. Nós usamos uma terra de campo né e é só na enxada tudo, capinar e lavrar assim... [...] a adubação é cama de frango né... só cama de frango, não tem outra adubação. E as outras coisas pra usar pra inseto que tem, mais é fitossanitário, assim umas receitas é, com alho, essas coisas, arruda.

J - e nesse sentido vocês recebem assistência de quem?

F - da empresa, o próprio instrutor de fumo que faz isso; tem um técnico que entende dessas coisas. E no primeiro ano era mais difícil, mas agora de uns anos pra cá nós sabemos como é que tem que fazer e aí é só fazer daquele jeito, tem as receitas e coisas todas... [...] e tá certificado, mas daí é outra empresa que vem pegar uma amostra pra ver se não tem "nada" mesmo".

A transição ou mudança ocorreu no padrão técnico da agricultura. No entrevistado E12 também se observa uma tendência para este terceiro momento, na representação da temporalidade, uma vez que há em seu discurso uma preocupação com as exigências do público consumidor. As formas de comercialização passam por uma reorganização, pois agora os produtos passam a ser certificados e identificados.

Cabe salientar que não se trata de estabelecer uma simples tipologia, mas de representar e apreender como ocorre a evolução, a disseminação da agricultura ecológica no município. E, nesse contexto, fica o exemplo do caso E01 em que um agricultor pode passar pelos três momentos da agricultura ecológica. A família iniciou seu processo de transição, com o redesenho da propriedade há 17 anos, processo que persiste em alguns espaços até os dias de hoje. Essa escolha tem suas raízes no repertório cultural da família, espírito de liderança e influência da Igreja Católica. O agricultor foi presidente de instituições regionais que visavam à produção ecológica desde os anos de 1990, auxiliando e participando da abertura de feiras na região. Atualmente, possui uma agroindústria familiar em processo de certificação e com grande parte da produção direcionada a programas governamentais.

Com base na pesquisa realizada e nos resultados aqui apresentados, construiu-se a Fig. 2 com a sistematização dos resultados da análise de conteúdo das entrevistas. Ela possibilitou a organização das informações obtidas através das falas dos agricultores (análises de conteúdo). A sua construção como figura ilustrativa pode ser considerada uma representação fundamental no processo de sistematização dos resultados da pesquisa desenvolvida.

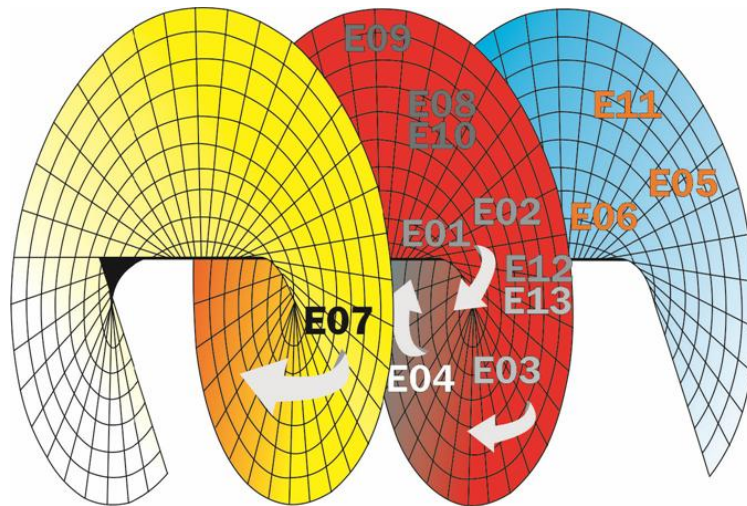


Figura 1: Representação das Vinculações e Práticas dos Produtores Rurais à Temporalidade da Agricultura Ecológica

Fonte: Elaborado pela autora

A helicoide dá uma ideia de tempo, em que este não segue uma linearidade, mas que se associa aos ciclos que guiam o funcionamento da vida. No sentido de uma construção de que cada momento não teria a envergadura que tem, sem o histórico do momento anterior, a helicoide traça os três momentos da expansão das concepções e práticas ecológicas, no período entre a década de 1940 aos dias de hoje.

A amostra do estudo está representada através do código das entrevistas dispostos sobre os três momentos (diferenciado por cores). As flechas indicam a oscilação que é comum a alguns casos, conforme pode ser observado nos trechos apresentados ao longo deste capítulo. No entanto, a ausência de uma circulação para alguns dos casos pode ser entendida como um limite das técnicas utilizadas para sua investigação. Na pesquisa qualitativa, a coleta, considerada também uma geração de dados, por mais que tenha uma investigação que siga os mesmos passos e as indagações a cada novo caso, as experiências, o entendimento e até mesmo a disposição de cada entrevistado é diferente. A mistura das cores representa que a transição destes momentos não ocorreu de maneira repentina, mas como mais um processo (uma construção), da mesma forma como se entende a transição como um processo.

Observou-se que os casos ligados à tendência do primeiro e do segundo momento da agricultura ecológica são aqueles que se inserem numa mudança de perspectiva da concepção de natureza que difere da que predomina na sociedade atual. E aqueles que, basicamente, aliam-se a mudanças no padrão técnico, estão ligados ao terceiro momento de expansão da agricultura ecológica em Canguçu. Todavia é importante salientar que, conforme se pode observar no decorrer desta análise de dados, a transição (mudança) é um caminho incompleto, com diferentes direções, permeada por diferentes motivações, percepções e estratégias. Portanto, especialmente entre os momentos dois e três de expansão da agricultura ecológica, as diferenças estão cercadas por linhas muito tênues, ou em

transformação. Isso significa que, ao mesmo tempo em que certos produtores estão engajados com novas perspectivas na sua relação com a natureza e a sociedade, podem estar abraçados a mudanças dos padrões técnicos.

Algumas considerações

Mesmo com a intensa difusão do termo agricultor familiar no seu sentido unificador, especialmente a partir dos anos de 1990, entre eles ocorrem grandes contrastes e diferenças. Assim como há diferenças culturais, trajetórias de inserção ou de exclusão no projeto de desenvolvimento, há também as diferenças em termos de ecossistemas que resultam em diversas formas de relação com o meio. Se essas diferenças foram tratadas até então de maneira secundária, atualmente percebe-se uma intercalação, ao menos por parte da sociedade. O projeto de desenvolvimento do país, aos poucos, parece incluir diferentes dimensões. Para alguns autores, isso decorre da própria evolução do pensamento ambientalista. Os esforços para a incorporação da noção de sustentabilidade para a promoção do desenvolvimento vão ficando mais visíveis, dado o contexto de crise global, fruto do aumento da população, limites da produtividade e da degradação ambiental.

Se o objetivo inicial deste artigo era investigar e analisar as trajetórias de estilos de agricultura ecológica, identificou-se que a opção de um sistema produtivo pautado na negação parcial ou total do denominado "convencional" alcançou diferentes atores sociais do meio rural, desde trabalhadores urbanos, associados a formas de organização coletiva e também aqueles que produzem num contexto de isolamento geográfico e social. Também alcança os agricultores que se dão conta das dificuldades causadas pelo aumento dos custos e pela estagnação dos preços dos produtos agrícolas.

A transição para estilos de agricultura ecológica por parte de alguns produtores pode ser um processo longo na linha do tempo, quando o agricultor se propõe a alterar e suplantiar as condições do meio das quais depende para produzir, ou decorrente de uma pequena parcela de terras que possui. Mas pode passar por um "processo" menos intenso, quando o agricultor dispõe de novos espaços (parcelas) para iniciar um sistema de produção pautado no ecológico. Ambos os casos não deixam de ser um processo, pois a mudança passa por uma construção, seja no sentido físico ou mental.

Alguns agricultores estão muito próximos a uma agricultura convencional, mas, com suas motivações, percepções e estratégias, eles podem buscar uma agricultura distante do modelo anterior. Destacaram-se nos resultados motivações contrárias, envolvendo os casos em que ocorreram acidentes. São as percepções de que as técnicas dessa agricultura podem afetar a saúde das pessoas e o meio. É a partir da percepção dos limites a que o próprio ser humano está imbuído, assim como de que os recursos naturais são finitos, que se alteram algumas práticas produtivas quotidianas nas propriedades. Essa percepção, que ocorre em nível de indivíduo, nem sempre, de maneira isolada. Logo, no discurso de alguns

agricultores, encontra-se o contexto de expansão mundial do campo ambiental, como fazendo parte da tomada de decisão (ou de consciência) para adoção de uma agricultura ecológica, junto com a proposta de uma nova relação social e sociedade-natureza. Já outros agricultores, encontram-se na ideia de abraçar a nova oportunidade de um nicho de mercado que se apresenta, caracterizando uma mudança no padrão técnico.

São, portanto, múltiplas as “condições de partida”, que, atualmente, é a pauta dos estudos na perspectiva do desenvolvimento rural e dos estilos de agricultura. Seja referente à noção de autonomia, de diversidade e/ou de sustentabilidade, nas unidades familiares ocorrem diferentes estratégias decorrentes das distintas condições e situações formadas. Essas estratégias poderão variar também, dependendo da medida em que estiverem baseadas nas dimensões, ambientais econômicas, sociais e até ideológicas.

Com base nas características de cada momento foi possível identificar que existe uma diversidade neste estilo de agricultura que muda ao longo do tempo e pelo próprio tempo. O micro-olhar para este estilo de agricultura a que se propôs este artigo possibilitou a leitura de especificidades. Canguçu, espaço geográfico desta pesquisa, é considerado um município com índices sociais no meio rural que o caracterizam como um dos mais pobres do estado. Mas, esta ausência da modernização possibilitou a continuidade de uma artesanidade entre os trabalhadores rurais. Permitiu a permanência de práticas e estratégias que podem ser encaminhadas a novas variações dos estilos de agricultura ecológicos.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

BECKER, Cláudio; CALDAS, Nádia Velleda; SACCO DOS ANJOS, Flávio. Agroecologia, agricultura familiar e cooperação: a experiência da agricultura sul-ecológica. ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL, 9, 2007.

BORBA, M. F. S. La marginalidad como potencial para la construccion de “outro” desarrollo: El caso de Santana da Boa Vista, Rio Grande do Sul, Brasil. 2002. 362 f. Tesis (Doctorado) – Instituto de Sociologia Y Estudios Campesinos, Universidad de Córdoba, Espana, 2002.

BRANDENBURG, Alfio. Agricultura Familiar, ONGs e Desenvolvimento Sustentável. Curitiba: UFPR, 1999.

BRANDENBURG, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 6, p.11-28, jul./dez. 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 229 p.

EHLERS, Eduardo. Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996. 178 p.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 658 p.

HEIDRICH, Álvaro. Luiz. Territorialidades de inclusão e exclusão social. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Orgs.) Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 21-44.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 de setembro de 2009. _____. Base de dados disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2010.

MARQUES, Flávia Charão. Aprendizagem e inovação: as várias faces do trabalho de produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil. Agriculturas: experiências em agroecologia, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, Out./2009.

MEIRELLES, L. Agricultura ecológica e agricultura familiar. 2007. Centro Ecológico de Ipê. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/artigos.php>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

PETERSEN, Paulo; ALMEIDA, Silvio Gomes. Rincões transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro. 2006. Disponível em: <<http://www.coptec.org.br/biblioteca/Agroecologia/index.html>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RUSZCZYK, João Carlos. Agricultura familiar e de base ecológica, transições e estratégias de reprodução: redefinições e permanências nos olericultores de Rio Branco do Sul/PR. 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. 284f.

SCHMITT, Claudia Job. Transição para a agroecologia na Região Sul. Disponível em: <http://www.encontroagroecologia.org.br/files/Transicao_Sul.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2010.

Recebido em: 25/05/2011.
Aprovado em: 21/11/2012.

Sobre as autores

Joana Cicconeto

Bióloga e Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: jocicconeto@gmail.com

Endereço: Av. João Pessoa, 31, Centro. CEP: 90040-000 - Porto Alegre - RS – Brasil.

Roberto Verdum

Geógrafo e Professor Doutor do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia/IG e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: verdum@ufrgs.br

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500 - Prédio 43136 - Sala 216, Agronomia. CEP: 90509-900 - Porto Alegre - RS – Brasil.